Vigésima quarta carta

> **Sumário.** Outras circunstâncias particulares em que o sino se faz ouvir: As procissões. — O toque da Paixão. — O *Te Deum*. — Carrilhão das grandes festas. — Toque de recolher. — Traço de história.

24 de julho.

Meu caro amigo

Retomo com prazer o assunto que o correio me obrigou a interromper.

As funções do sino não terminaram: ele fala nas procissões. Sabes que a procissão é uma das instituições mais eloquentes da Igreja católica. Representa ao vivo a viagem do homem sobre a terra. Partida do santuário, onde reside o Deus vivo, volta para terminar no santuário. Assim o homem, saído de Deus, retorna a Deus. Sabes ainda, e todos o sabemos, que a sua peregrinação se cumpre em meio a espíritos tentadores, cujas multidões inumeráveis enchem as camadas inferiores da atmosfera.[1]

Que faz a Igreja? Mal a procissão começa a pôr-se em marcha, faz ressoar as suas trombetas guerreiras, cujas poderosas vibrações dão o sinal do combate e são como a arenga que dirige ao seu exército. Ao mesmo tempo que, pelo som dos sinos, inspira aos seus soldados varonil coragem, mostra-lhes, desfraldado à frente de suas colunas e hasteado acima dos sinos, o glorioso estandarte de seu divino capitão, sinal seguro da vitória. Que nobre ardor não é de molde a acender na alma do verdadeiro cristão esse duplo aguilhão de glória?

> *Assim como — diz um Padre da Igreja — nos combates entre exércitos inimigos é o som da trombeta que mantém na alma do soldado o desprezo da morte e lhe comunica a sede de batalha e a embriaguez do sangue;[2] assim o sino deve tornar o cristão invencível em sua guerra contra os demônios.*

> *Ao ruído dos sinos — acrescenta um de nossos antigos liturgistas —, os espíritos das trevas são tomados de temor, como um tirano se espanta ao ouvir ressoarem em suas terras as trombetas guerreiras de um poderoso monarca,*

> *seu inimigo.*[3]

Se o homem tivesse fé no poder dos sinos, com que confiança, que piedade e que proveito se fariam as nossas procissões, um dos atos mais religiosos e mais salutares do cristianismo!

Sino bento, dizei-nos agora por que essa voz plangente que, nos campos, fazeis ouvir cada manhã durante o tempo em que os frutos da terra, esperança do lavrador, estão expostos às tempestades, ao granizo e às intempéries das estações?

> *Toco a Paixão. Enquanto o sacerdote no altar representa ao Pai eterno os sofrimentos de seu Filho bem-amado, lendo o drama sangrento do Calvário, convido, pelo dobre prolongado de sua divina agonia, o lavrador em seu campo, o vinhateiro em sua vinha, a unirem a sua oração à minha, a fim de obter o crescimento, a conservação, a maturação e a abundância de suas colheitas e sobretudo a graça de fazer delas um santo uso.*

Gratidão ao sino.

Mas eis que ele muda de voz. Um acontecimento feliz acaba de cumprir-se. É uma grande vitória alcançada numa guerra justa; é o nascimento de um príncipe, penhor de felicidade para todo um povo; é a entrada solene de um pastor que vem consagrar a vida à salvação de suas ovelhas; é algum outro benefício assinalado de que o Pai celeste acaba de favorecer os seus filhos.

O hino da gratidão, o *Te Deum*, sai de todas as vozes humanas, às quais se juntam as vozes angélicas. Esse concerto é sublime; mas seria imperfeito se o sino nele não fizesse a sua parte. Sua voz majestosa não só acrescenta à alegria universal, mas ainda faz repetir aos ecos mais longínquos a alegria e a gratidão que, sem ele, ficariam abafadas entre as muralhas do templo.

Se em tais circunstâncias a voz do sino é majestosa, torna-se, em nossas grandes solenidades, arrebatadora de doçura e de harmonia. Para cantar dignamente os nossos alegres mistérios, o Natal, a Páscoa, o Pentecostes, a Assunção e outros mais, os sinos de toda dimensão reúnem-se em número de quinze ou vinte e formam uma orquestra que se chama carrilhão. Em tuas viagens pela Alemanha, pela Bélgica, pela Itália, tu o ouviste e, como eu, ficaste encantado.

Antes da aurora, as musicistas começam o seu concerto. Com suas vozes argentinas, cantam em acordo os hinos e as prosas que serão repetidos no templo. Desperta-se ao ruído da harmonia, cujas árias ressoam ao longe. O espírito, o coração, a imaginação, os sentidos, tudo no homem se põe em festa. Com inabitual presteza, vai-se aos divinos ofícios e, se um belo sol vem embelezar a solenidade, o cristão, plenamente satisfeito, experimenta um antegosto das alegrias do céu.

Por tudo o que precede, vês, meu caro Frederico, que o dia do sino é bem cheio. Termina-o pelo toque de recolher. É um novo serviço de que lhe somos devedores. No inverno, nos países de

montanhas, por volta das nove horas da noite, o sino faz ouvir a sua voz mais grossa. Chama o viajante retardado ou extraviado e indica-lhe o caminho que deve seguir para chegar ao lugar onde achará hospitalidade. Quantos devem a sua salvação a essa voz bendita!

Faz de tudo isso muitos anos, um viajante foi surpreendido pela noite no meio da campanha romana. Sabes que nela se encontram com frequência as aberturas das catacumbas: cair nelas seria perecer sem remédio e da morte mais horrenda. O viajante de quem falo conhecia todo o perigo de sua situação. Logo não ousa nem avançar nem recuar. No entanto, um ruído longínquo chega-lhe ao ouvido. Reconhece o sino de uma igreja de Roma.

Sua voz bendita o orienta. Com cautela, mas com confiança, continua a marcha e chega felizmente às portas da cidade.

Penetrado de gratidão, faz uma fundação em virtude da qual se tocará cada tarde para avisar os viajantes e salvá-los do perigo a que ele mesmo se viu exposto. A doação é religiosamente cumprida. É um sino argentino de Santa Maria Maior que está encarregado de cumpri-la. Todas as noites, às nove horas, faz-se ouvir nos diferentes pontos da campanha romana, e sua voz diz: Vinde a mim, vós que estais perdidos: o caminho que vos indico conduz ao porto.

Não posso terminar esta longa carta sem exclamar: Que grande lugar ocupa o sino no mundo! Que tristeza e que sombrio silêncio reinariam sobre a terra se o sino não existisse!

Como conclusão: agradeçamos a Deus por no-lo ter dado; respeitemos a sua voz, bendigamo-la e tornemo-nos dóceis a seus acentos.

Todo teu.

Notas

[1] É o ensinamento de são Paulo. (Ef 6, 12.)

[2] S. Ambr., *In Apocalyp.* ad init.

[3] *Campana in processionibus pulsantur; ut Dæmones timentes fugiant. Timent enim auditis tubis Ecclesiæ militantis, scilicet campanis: sicut aliquis tyrannus timet audiens in terra sua tubas alicujus regis inimici sui.* (Durandus, lib. I, De Campanis.)

Revision #1
Created 28 November 2026 13:47:30 by Admin
Updated 28 November 2026 13:47:30 by Admin